

SIGNOS DEIXADOS PELA MORTE:
O CENÁRIO FÚNEBRE DE OLIVEDOS DURANTE A PARAÍBA OITOCENTISTA

Beatriz Freire Guimarães

Juvandi de Souza Santos



SIGNOS DEIXADOS PELA MORTE:

O CENÁRIO FÚNEBRE DE OLIVEDOS DURANTE A PARAÍBA OITOCENTISTA

Beatriz Freire Guimarães

Acadêmica de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) biafreireguimaraes@gmail.com

Juvandi de Souza Santos

Professor orientador da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
juvandi@terra.com.br

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo refletir sobre a importância do cemitério de Olivedos para a construção da sua história, percorrendo os caminhos do que Thompson chamou de “Uma história vista de baixo” para dar voz aqueles que por vezes já estão esquecidos, ressaltando ainda a presença das mais variadas classes de sujeitos, ricos e pobres que foram unidos na mesma natureza cruel das epidemias, a morte. Na mesma oportunidade, será enfatizado o modo como a sociedade recorreu à religião para lidar com o momento de crise sanitária, deixando contribuições culturais que perduram até os dias atuais. A metodologia adotada para fins da pesquisa está baseada em leituras especializadas e visita a vala comum dos bexiguentos no município de Olivedos para capturar imagens da mesma.

Palavras- Chave: Cemitério; Bexiguentos; Epidemias.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the importance of the Olivedos cemetery for the establishment of this city's history, following the paths of what Thompson called “A History from below” to give a voice to those who have sometimes been already forgotten, emphasizing, furthermore, the presence of the most varied classes of subjects, rich and poor, who were united by the same cruel nature of the epidemics: death. At the same time, it shall be demonstrated the way in which society resorted to religion to deal with the moment of health crisis, endowing cultural contributions that persist until today. The methodology adopted for the purposes of this research is based on specialized readings and visits to the common grave of the simple gentry in the municipality of Olivedos to capture images of it.

Keywords: Cemetery; Bexiguentos; Epidemics.

INTRODUÇÃO

“E morreu Maria Preá!” essa é uma expressão famosa que significa que determinado assunto está morto, acabado. Assim, percebemos no detalhe de uma simples fala o modo como o pensamento da sociedade europeia a respeito da morte se estendeu a suas colônias, a morte como um fim. Entretanto, é nesse momento que os mais variados pesquisadores têm encontrado material que permite análises da história da humanidade (inclusive materiais arqueológicos), proporcionando para aqueles que deixaram este plano, ainda que em sua ausência, a utilidade.

A morte é uma certeza para os seres humanos. Ao contrário dos outros animais, nós temos a consciência da nossa própria finitude. A morte, porém, não se restringe à morte clínica, ou à biológica, ela e os rituais fúnebres estão imbricados no cotidiano, na cultura, nos costumes, nas tradições, no imaginário, nas representações (...).

Sendo assim, a morte é um objeto de estudo da História. No campo da História, em meados do século XX, delineia-se a chamada nova história, que foi a construção de um novo padrão narrativo, buscando enfatizar o cotidiano, as emoções, as trajetórias de vida, a vida privada e as mentalidades (S. JÚNIOR E MARIANO, 2019, pp.78-79).

Trabalhar com a nova história trouxe um contraste com as abordagens que privilegiam a teoria do “grande homem”, ou seja, permite a construção de narrativas dos “homens comuns”, algo que Thompson (1998) chamou de “História vista de baixo”. O diálogo com esse pensador se torna necessário para o desenvolvimento deste trabalho possibilitando um estudo sobre a situação na qual não apenas Olivedos, mas todo país se encontrava, um momento de crise sanitária, agravada pelas epidemias e secas resultando em uma série de medidas, como a construção de casas de caridades e cemitérios (o objeto de estudo deste trabalho). Vamos tratar ainda das questões religiosas que envolveram o município, como a troca de padroeiros, uma das tantas tentativas de salvar a população das enfermidades. O objetivo geral é relatar a importância da figura dos cemitérios como ferramenta para construir a história local de Olivedos. Já os objetivos específicos, se debruçam no desenvolver da análise a respeito da religiosidade, as questões fúnebres e sanitárias e as minúcias político-social. A metodologia adotada para pesquisa está baseada em leituras especializadas sobre o município, sobre os ritos fúnebres do século XIX e a influência das epidemias na construção da cidades e dos costumes de sua população.

Por fim, vamos entender um pouco sobre a história dos cemitérios no decorrer dos tempos, desvendar o cenário brasileiro do período imperial, a Paraíba e os surtos epidêmicos, a contribuição do padre Ibiapina para a história de Olivedos. Para além, será possível compreender realidades distintas que levou a formação do cemitério dos bexiguentos, levando sempre em consideração a ação subjetiva do povo que temendo o abandono diante de um cruel cenário de doenças recorreram a fé como salvação, gerando características que perduram na atualidade.

BREVE HISTÓRIA DOS CÉMITERIOS E SUAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES NO BRASIL

Para compreendermos melhor a história dos cemitérios se faz necessário uma breve reflexão acerca das práticas de enterramento, aliais, ao longo da história da humanidade sempre houve uma preocupação em relação aos mortos. Gabriela Martin (2005) afirma que as atividades ritualísticas de sepultamentos praticamente não mudam, ou mudam muito lentamente. Sendo os enterros parte dos ritos finais, cabe a este artigo retratar um pouco sobre a história dos cemitérios, este que desde os primórdios da humanidade se fazem presentes. Segundo Mumford “Em meio as andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada com um monte de pedras, um tumulo coletivo.” (MUMFORD, 1998, p.13), Já era evidente a preocupação com o corpo, tendo em vista acima de tudo, as crenças daquele momento de que tudo que existia era resultado das vontades divinas, até mesmo a posição dos defuntos na Pré-história, (fetal) significava o desejo de um renascer no espaço divino. No Egito, ainda hoje seus maiores símbolos são representatividades da morte, as pirâmides são exemplos claros de como a consciência humana temia uma das questões da metafísica que é “para onde vamos?”, evidente que a crença na vida após a morte exigia toda a preparação do corpo, resultado notório nos processos de mumificação e o cuidado excessivo de se guardar o cadáver. Na Antiguidade Clássica, em Roma, a Lei das XII Tábuas, do ano 303, proibia, em Roma, a inumação de homem morto na cidade. Como consequência, passaram a enterrar seus mortos na beira das estradas públicas, porém, com o aumento das cidades e de seus habitantes, associada ainda a ampliação o cristianismo, a proibição só durou até 820, com o decreto do imperador bizantino Leão VI, o Sábio, que passou a autorizar o sepultamento dentro e fora das cidades, isso acarretou o acúmulo de túmulos ao redor de igrejas. O desenvolvimento histórico dos cemitérios, merece destaque a fase medieval, de acordo com Araújo (2008, p.36) os

cemitérios só surgem em plena Idade Média, quando os mortos passam a lotar as dependências da igreja e seu redor (adro), algo normal, pois, acreditavam que assim estaria próximo de Deus, a distribuição para a posição próxima ou não dos altares se baseava na renda financeira de cada um, os mais ricos estavam sempre mais perto do altar. Porém, devemos ressaltar as mudanças drásticas no cenário que culminaram para o fim destas práticas. Por volta do século XVII, as cidades já estavam cheias de mortos, isto é, a presença dos cemitérios era marcante no visual urbano. Surge uma preocupação com a salubridade pública demandando mais cuidados com as sepulturas e mais decência na manutenção dos cemitérios. No século XVIII verifica-se, mesmo por parte da Igreja, uma preocupação em separar o cemitério da igreja, até mesmo por necessidades demográficas. Foi o toque inicial para o afastamento dos cemitérios das cidades. Inicia-se, por volta de 1780, às premissas de uma higiene pública, logo os cemitérios são os primeiros espaços a serem atingidos, a passo de alcançar uma remodelagem do espaço urbano.

João José Reis nos mostra essa nova preocupação que passa a se ter a se ter com o morto. São novos tempos, é a modernidade chegando em todos os sertões:

Durante o século XVIII desenvolveu-se uma atitude hostil à proximidade com o moribundo e o morto, os médicos recomendavam que fossem evitados por motivos de saúde pública. (...) Só havia uma solução: proibir os enterros nas igrejas, transferir os cemitérios paroquiais para fora das cidades e vilas, criar cemitérios extramuros (REIS, 1991, p. 75).

Essa atitude foi fundamentada na teoria do miasma, que surgiu ainda na antiguidade, a mesma pregava que os corpos em decomposição liberavam “vapores mefíticos”, esse seria gases que danificavam a saúde, infectando o ar que se respirava.

No Brasil, essa lei também se fez presente, pois além da teoria dos miasmas passou a existir um forte medo da população em frequentar as missas sabendo que as pessoas que estavam ali enterradas, muitas foram levadas por agentes contagiosos, resultado da forte globalização iniciada ainda no período das Grandes Navegações, com a vinda dos europeus ao Novo Mundo e de seus passageiros indesejáveis (os vírus), que encontraram nesta região o estado perfeito para se proliferarem. Assim, chegaram em nossa terra o Cólera, a Febre Amarela, a Tuberculose, a Bexiga e tantas outras doenças, que elevaram consideravelmente o índice de mortes no território.

Vale ressaltar que desvincular os sepultamentos dos espaços das igrejas não foi um movimento pacífico, “distanciar a pessoas de Deus” causou revoltas na população, como foi o caso da Bahia no ano de 1836, a Cemiterada, como ficou conhecida a revolta, ocorreu no dia 25 de outubro, um dia antes da lei que proibia enterros em igrejas fosse acionada. A revolta foi convocada por irmandades e ordens terceiras de Salvador, organizações católicas leigas que tratavam dos funerais. No que se refere as enfermidades, tratava-se de um cenário geral do país, onde se sofria com um rol infinito de doenças, estudos apontam em especial para as primeiras grandes epidemias do século XIX, a Febre Amarela, 1849-50 e o cólera de 1855-1856. Entretanto, as ocorrências epidêmicas estão presentes no Brasil desde os primeiros tempos de colonização, por exemplo, a varíola que acometeu Bahia e Pernambuco. Com a concentração de negros e índios nos núcleos coloniais e o transporte constante de escravos “bexiguentos” aflorou o desafio dos padres da Companhia de Jesus que se dedicaram as tentativas de cura (GUIMARÃES E SANTOS, 2019).

2.1 A CRISE SANITÁRIA NA PARAÍBA IMPERIAL

A vinda da Família Real para o Brasil foi responsável por drásticas mudanças no cenário brasileiro. A abertura dos portos trouxe melhorias no setor econômico, mudanças de paisagem trouxeram signos de modernidade para as ruas do Rio de Janeiro, entretanto, se tratava de uma política de exclusão

na medida em que por trás dos belos prédios de arquitetura europeia se escondia o desleixo quanto as moradias mais pobres, modo de vida da grande maioria da população e que nada se tinha quanto as questões de saúde. Tratava-se da falta de saneamento, moradias dignas, campanhas que alertassem o mínimo da informação aos moradores dos grandes centros urbanos, sendo assim, o que esperar daqueles que se encontravam ainda mais distante dos olhares da elite governamental? (AGRA, 2005).

Doenças são agentes exemplares para o homem, não fazem distinção de cor, classe social ou gênero, atinge a todos e, quando não mata, deixa sérias sequelas. Porém, como de costume em tanto outros contextos os mais pobres também são os que mais sofrem. Não havia políticas públicas ou construção de centro de atendimentos para a população mais carente, o acesso aos médicos dependia da classe social. O que se poderia citar nesse quesito, seria apenas o ingresso das Faculdades de Medicina no país, foram criados cursos de Medicina, Cirurgia e Química, sendo os pioneiros: a Escola de Cirurgia do Rio de Janeiro e o Colégio Médico-Cirúrgico no Real Hospital Militar de Salvador. Assim, aos poucos, os médicos estrangeiros foram substituídos por médicos formados no Brasil, mas esses profissionais não foram suficientes para lidar com uma sociedade cada vez mais castigada pelas doenças:

Esse retrato se repetia por todo Brasil (...). Sabendo do medo do óbito repentino, entende-se o contexto de assombro geral com a chegada do advento da morte pelas doenças que acometeram grande parte do Brasil oitocentista, em especial, o Nordeste (DÔSO, 2019, pp. 255-256).

Na província da Paraíba, muitos fazendeiros chegaram a perder muitos escravos, os negros chegaram a atingir dois terços do total de mortos apenas pela Cólera:

Na Paraíba, o cenário de miséria decorrente das secas, fome e falta de saneamento básico era algo que contribuía para a disseminação a população que se encontrava aterrorizada ao mesmo tempo em que se sentia abandonada pelo Estado (...) raramente lembrando-se daqueles que viviam além da capital (GUIMARÃES e SOUZA, 2019, p.132).

Em um momento delicado como esse, com a falta de assistência e empatia, restou a alguns sacerdotes a exaustiva função de ajudar a população mais carente. Movimentos da Igreja Católica, da Igreja Protestante, da Comunidade Espírita, entre outros, chegam a ter 2.100 estabelecimentos de saúde espalhados por todo o território brasileiro, de acordo com a Confederação de Santas Casas de Misericórdia (CMB).

Na Paraíba, um representante desse árduo trabalho foi o Padre Ibiapina que por onde passou deixou a sua marca, preocupado com a falta de salubridade e extrema pobreza peregrinou por quase todo Nordeste durante os surtos epidêmicos, improvisando enfermarias dando assistência aos necessitados. Era uma luta incansável que não contava com o apoio do governo, a realização de suas obras só foram possíveis graças as doações que eram feitas pelo povo. Seus seguidores lhe tratavam com estima e respeito, de modo que, quando Ibiapina foi acuado como mentor do Movimento Quebra Quilos e lhe ser enviado o mandato de prisão, todos foram à Casa de Caridade de Santa Fé para impedir que o prendessem. Era algo compreensível já que foi Ibiapina quem transmitiu a mensagem de esperança em meio ao caos. Entre as obras do padre, era comum a construção de Casas de Caridade, açudes, enfermarias e até mesmo cemitérios. Podemos considerar sua batalha como uma eterna busca por estabelecer uma prática que modificasse tanto a alma, quanto as condições de vida dos mais pobres.

Em Soledade, o padre Ibiapina amplia sua fama de herói, mas antes disso deixa registrado um traço de vilania para a história do vilarejo de São Francisco, atual cidade de Olivedos, local onde existia o único campo santo da região datado de 1763. Em 1856, aquele vilarejo compartilhava do mesmo grave cenário do país, a epidemia do Cólera responsável por ceifar milhares de vidas entre elas a de Aninha, como era

chamada por seus familiares, enterrada em uma cova rasa no meio do mato (não foi permitido seu enterro no cemitério, por motivo de contágio) onde mais tarde foi levantada uma capelinha, que por muito tempo esteve abandonada, mas Padre Ibiapina em suas peregrinações decidiu fazer daquele monumento a igreja daquele espaço. Infelizmente essa medida não agradou a todos, João Tavares de Brito, proprietário do sítio Santa Flora que após desavenças com o sacerdote criou empecilhos para a edificação da dita capela. Recrutou todos os operários daquela construção para trabalhar em seu sobrado. O mesmo nunca foi concluído, e a sociedade considera este fato como um primeiro marco da praga lançada pelo padre na região, praga esta que ainda hoje é usada para justificar o atraso sócio econômico do município. Assim, Ibiapina se fez vilão. Em paralelo a toda essa situação, o missionário se dirigiu a outra região no qual já tinha conhecimento da necessidade de um cemitério para acolher, principalmente, as vítimas do cólera. Era um lugar segundo a descrição do próprio padre, saudoso e solitário, por isso destinou a ele o nome de solidão que depois passou a se chamar Soledade, dando origem a cidade do mesmo nome.

O MUNICÍPIO DE OLIVEDOS E O PARALELO DE REALIDADES DIANTE DA MORTE

A história da cidade de Olivedos é cercada por brigas dos mais diversos tipos. Como já foi dito, antes de sua emancipação era apenas a fazenda de São Francisco, onde havia uma casa que hoje comporta o mercado, motivo de desavenças entre supostos herdeiros na entrada da cidade. O espaço suportava o cemitério de 1763 que comportava os corpos de toda aquela região, uma capela que veio a ser a igreja matriz, seria uma das mais antigas, entretanto, as intrigas com Ibiapina já citadas nesse trabalho impediram a parceira promissória na época. O espaço deixa de ser distrito de Soledade no ano de 1939, se desmembrando em 1962, no governo de Pedro Moreno Gomdim, através de solicitações do deputado Estadual Gerônimo da Nóbrega. Mas como foi possível perceber, as histórias das duas cidades cruzam seus caminhos intimamente. O nome atual, foi uma homenagem ao colonizador Oliveira Lêdo, em 1943, todavia devemos ressaltar que é um honra questionável diante do modo com Oliveira Lêdo destinou seu rumo em vida, sendo acusado como responsável pelo genocídio dos índios Cariris da região (OLIVEDOS EM FATOS, FOTOS E RELATOS, 2020).

De toda forma, nenhuma dessas brigas foi mais cruel que aquelas travadas com as enfermidades e mesmo existindo desde cedo em sua história, um dos mais antigos cemitérios da região, devemos sempre nos atentar as realidades distintas entre os antigos moradores de Olivedos. O número de mortes era crescente e corriqueiro no dia a dia, pessoas ricas, por vezes se enterravam nas proximidades da capela que veio a se tornar igreja, para outros, a distância social e geográfica naquele período, gerava certo congestionamento de corpos, na caminhada entre o cemitério e determinadas localidades, mal dava tempo realizar um sepultamento que logo viria outro, então, para evitar o acúmulo de corpos em uma “fila para serem enterrados” (lembrando que as pessoas tinham medo de ficar próximo ao corpo devido as doenças serem contagiosas). Se fez necessário a criação da vala comum, necrópoles sem oficializações ou ao menos identificação. São os chamados “Cemitério dos Bexiguentos” onde as pessoas eram abandonadas em covas rasas com quase nenhum cuidado em comparação dos ritos fúnebres tradicionais. Porém, em Olivedos, ainda conseguimos encontrar vestígios desses espaço. Trata-se de uma vala comum criada no município de Olivedos para atender as necessidades já citadas (Figura 1).

FIGURA 1- VALA COMUM ONDE ERA DEPOSITADO AS VÍTIMA DAS ENFERMIDADES

Crédito da imagem: Alisson Douglas dos Santos Silva (2019).

Essa vala se localiza no Sitio de Natanael, na direção Norte do município, após o centro urbano, seguindo direção a fazendo campos, a dois quilômetros da zona urbana, estando ao lado esquerdo. Como já foi destacado, não apresenta identificação ou algo que simbolize origem ideológica quanto a religião. Mas evidentemente, se tornou um signo que representa o cenário citado durante todo o trabalho. A fragilidade da administração de um governo, a tentativa de resistir e sobreviver de uma população em uma época que a medicina não era tão desenvolvida e que tinha como aliada, apenas a fé. Em meio ao desespero e as pilhas de cadáveres a população recorreu a fé, como solução, fazendo uma promessa, caso a epidemia acabasse, ocorreria a troca do padroeiro do município. Assim se fez, São Francisco de Assis até então padroeiro, foi destituído do cargo dando espaço a São Sebastião, protetor contra as peste, fome e guerra. Tudo que os olivedenses desejavam no momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim de tantas informações dentro de um mesmo cenário, cabe a este momento fazer as últimas observações e relatar o valor histórico desse documento. Estruturalmente podemos dizer que o espaço que hoje é conhecido como Olivedos foi inicialmente composto por um cemitério que historicamente é datado como um dos mais antigos da região e deve ter seu valor como fonte histórica reconhecido. Apesar de ser a única certeza, as pessoas ainda não estão preparadas para lidar com a morte por atribuírem valores negativos a mesma, essa atribuição acaba sendo transferida aos cemitérios que tem como real proposta ser um lugar de leveza e lembrança, mas interpretações equivocadas e até mesmo a má ambientalização do espaço despertam uma visão preconceituosa, e o mesmo acaba sofrendo o abandono e permitindo atos de vandalismo no local. Entretanto, a comunidade em geral deve se conscientizar para a importância

dos cemitérios como um patrimônio cultural de valores materiais (caráter ambiental/urbano, artístico e histórico) e imateriais (crenças, milagres, promessas e lendas, este último causando o reforço negativo sobre os cemitérios). Na Europa, muitos cemitérios são pontos turísticos que despertam a curiosidade de milhares de visitantes encantados por sua beleza e também pelas personalidades que se encontram neles, grandes e pequenos formadores da história, então por que não atribuir mesmo valor no Brasil? Incluir cemitérios em um roteiro turístico em atrativos ligados a personalidades que ali se encontra e que de alguma forma marcam a história, pelas obras de artes que se encontram nas arquiteturas tumulares ou pelo simples fato de aproveitar o espaço calmo e tranquilo quando apresentado por uma boa vista do paisagismo. Sendo assim, é possível desenvolver a educação cultural para a formação, tanto da identidade de cada um, como de toda uma sociedade, que deve crescer historicamente e moralmente virtuosa sobre si.

Ainda nos referindo a identidade, podemos citar outra consequência das epidemias na construção imaterial de Olivedos, a troca de padroeiro. Isso acaba por caracterizar a população como sendo esta fervorosamente cristã e de maioria católica, de modo que as comemorações permanecem ano após ano para homenagear São Sebastião, seu protetor eleito. Sem mais, podemos concluir mostrando a possibilidade de tirar coisas boas de situações ruins. O Cólera foi cruel, assim como a elite governamental, mas sem elas como engrenagens da máquina, a história não funcionaria como agora e tudo se tornaria vão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, do Ó. **Relato de Males**: notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba Imperial. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2005.

ARAUJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos do Rio Grande do Sul**: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 e 1930). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

DÔSO, Milena de Farias. Retrato da morte: A cholera Morbus em Cabaceiras (1856). In: **Limites no horizonte do tempo**: Textos em história local. SANTANA, Flavio Carreiro ; MONTEIRO, Lúira Freire (Orgs.) João Pessoa: Ideia, 2019.

GUIMARÃES, Beatriz Freire; SANTOS, Juvandi de Souza. A influência do cólera na construção identitária de Esperança. In: **Limites no horizonte do tempo**: Textos em história local. SANTANA, Flavio Carreiro ; MONTEIRO, Lúira Freire (Orgs.). João Pessoa: Ideia, 2019.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Editora da UFPE, 2005.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OLIVEDOS em fatos, fotos e relatos. Disponível em: <<https://m.facebook.com/olivedoshistoria/photos/a.1775539672683975/1976862319218375/?type=3&source=48>>. Acesso em: 28 Nov. 2020.

REIS, João Joé. **A morte é uma festa**: rito fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

S. JUNIOR, Laércio de Araújo ; MARIANO, Serioja R. C. Reorganização do lugar da morte: os cemitérios como morada dos mortos na Parahyba (1850-1860). In: MARIANO, Serioja R. C. ; BARBOSA, Janyene Paula Pereira L. **Sociedade e cultura no Brasil oitocentista** – trajetória de pesquisas II. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.